

BRASILEIRINHOS LONGE DE CASA

ENTRE SONHO E REALIDADE

Bianka Pires André *

“Estava quieto no meu país, Brasil, com certeza o melhor país do mundo, era muito feliz, mas chegou um certo dia que minha mãe me chamou para conversar, pensei que era alguma coisa que eu tinha feito no colégio, na rua, ou até em casa, mas não, era para falar que a gente ia mudar de casa e também de país. Primeiro era para Portugal, pelo idioma e porque tinha uma amiga nos esperando, mas depois resolveu que era para Espanha, porque também tem um amigo esperando e porque é um país mais rico e porque temos mais chance de voltar mais rápido.” (Redação de André, 13 anos, 9 meses em Barcelona)

Assim como aconteceu com André, é mais ou menos dessa maneira como começa a história de muitos brasileiros¹ que deixam o país para empreender um projeto migratório idealizado por seus pais. Os projetos de imigração são planejados a partir de sonhos ou necessidades de uma família a fim de conseguir a chamada “vida melhor”. Por este motivo, muitas pessoas se deslocam de suas cidades de origem até cidades economicamente favorecidas com a intenção de realizar projetos laborais, acadêmicos ou de outra natureza. No entanto, a imigração é um projeto dos pais, não dos filhos. Mota, em sua pesquisa sobre o bilingüismo em crianças brasileiras residentes nos EUA, diz que os filhos são um tipo de *imigrantes involuntários* (Mota, 1999, p. 76). Na realidade, parece que os filhos costumam ser o real motivo do traslado, como relatou uma mãe na entrevista: “*Eu vim por eles, por mim eu não estaria aqui. Eu e meu marido tínhamos a nossa*

casa e não vivíamos mal, mas eles precisavam de uma educação melhor, de um futuro melhor.”

Ao chegar na cidade de destino, com o passar do tempo, os novos residentes vão percebendo que terão que encarar um processo relativamente longo até poderem atingir seus objetivos. É começar do zero. O salto em direção ao desconhecido implica para todos os membros da família aprender novo idioma, novos códigos sociais, econômicos e culturais; implica diferentes aprendizagens que, muitas vezes, podem não ser levadas em consideração quando ainda se está do outro lado da fronteira (Anisef & Kilbride, 2003, p. 29). O objetivo deste artigo é relatar as percepções e experiências sócio-educativas de um grupo de adolescentes brasileiros que acompanharam seus pais em uma aventura migratória para Barcelona.

Os adolescentes participantes de minha pesquisa doutoral tinham entre 12 e 16 anos, estavam matriculados na

educação secundária de escolas públicas e privadas na cidade de Barcelona, tinham um tempo de residência que variava entre 6 meses e 6 anos e eram provenientes de distintas cidades brasileiras. O trabalho de campo consistiu em observações na hora do recreio e em algumas aulas, acompanhamento a saídas escolares, entrevistas aos adolescentes e aos respectivos pais e professores, assim como elaboração de uma redação que explicasse sobre a vida deles em Barcelona e a construção de uma rede de amigos.

ATERRIZANDO

Chegando em Barcelona, ao relatar um pouco de suas experiências, muitos dos adolescentes brasileiros reconstruíam as histórias desde o momento em que receberam a notícia: “Vamos morar na Espanha!” Entre ilusão e desilusão, contavam sobre as malas, um amigo dos pais que os esperaria no aeroporto, um

familiar que já estava vivendo na cidade de destino antes, sobre o medo ou a excitação por voar de avião pela primeira vez, a tristeza por deixar os amigos, a expectativa de conhecer um país “rico”, as aulas de espanhol de última hora, a dura despedida da família que ficaria para trás, enfim, relatavam as esperanças e incertezas de quem embarca em uma viagem para uma vida supostamente “melhor”. Uma viagem que em um primeiro momento não estava em seus planos juvenis.

Entre uma conversa e outra, os adolescentes brasileiros compartilharam as imagens que faziam da Espanha antes da viagem, como sendo um país onde só havia pessoas ricas, bonitas e educadas; onde tudo era bom e eles poderiam ter tudo o que quisessem. Ao se deparar com uma sociedade que não era tão “maravilhosa” como imaginavam, cada um no seu dia a dia começava a descobrir Barcelona da sua maneira e a realizar uma leitura mais pessoal e realista de como era a nova cidade onde viveriam. Ao aterrizar no *velho mundo*, e de maneira quase que imperceptível, seus sentidos iam recorrendo os distintos aromas, cores, sabores, formas de expressão, modos de vestir, de falar; distinguiam paisagens, formas, arquiteturas e outros aspectos mais. Entre as comparações, os olhares circulavam de um extremo ao outro a fim de encontrar um ponto em comum, uma familiaridade, um *porto seguro*.

A partir do momento em que o novo contexto é pouco a pouco interiorizado e passa a fazer parte do cotidiano desses adolescentes, eles já são capazes de formular suas próprias opiniões sobre o entorno, tendo sempre como referência as experiências no país de origem. Depois de aterrizarem, pelo tempo que já estavam vivendo em Barcelona, e, muito motivados pela curiosidade em descobrir as novidades que ainda lhes reservava a nova sociedade, os brasileirinhos foram expressando de maneira muito espontânea as descobertas

que estavam realizando ao longo de sua estada.

Vejamos, a seguir, algumas opiniões:

♦ “*A comida aqui é estranha.*” (Thaís, 13 anos, 6 meses em Barcelona)

♦ “*As pessoas às vezes são estúpidas, falam alto e falam muito palavrão.*” (Eduardo, 16 anos, 1 ano e 2 meses em Barcelona)

♦ “*Aqui a gente tem mais liberdade, você pode fazer o que você quiser e ninguém te diz nada, nem a polícia. O problema é que os meninos começam a fumar e usar drogas muito cedo.*” (Juliana, 13 anos, 5 anos em Barcelona)

♦ “*Algumas pessoas são racistas e te olham com cara feia...*” (Carla, 14 anos, 6 anos em Barcelona)

♦ “*Me dava raiva quando eu via o anúncio de um carro novo na televisão e no outro dia ele já estava na rua.*” (Victor, 13 anos, 1 ano e 2 meses em Barcelona)

♦ “*A televisão é ruim, as músicas têm todas o mesmo ritmo e as meninas são feias.*” (André, 13 anos, 9 meses em Barcelona)

♦ “*Podemos ter amigos de muitos países e isto é ótimo!*” (Marta, 15 anos, 3 anos e meio em Barcelona)

♦ “*O bom é que não tem violência e minha mãe deixa eu sair com as minhas amigas...*” (Caroline, 14 anos, 1 ano e 2 meses em Barcelona)

Estes tipos de comentários aparentemente “infantis” e pouco profundos ou pertinentes denotam o grau de percepção dos adolescentes em relação à nova sociedade em que estão vivendo. Vale a pena destacar que o tempo de residência também influencia de maneira significativa no tipo de comentário que fazem. Com o passar do tempo alguns mudam de opinião e a comida deixa de ser tão esquisita como no princípio. Em compensação, outros reafirmam ainda mais suas opiniões em função das experiências que vivem como no caso de racismo, por exemplo. O que deixa claro que suas inferências podem

ser muito mais críticas que “infantis”.

Ao fazer uma leitura dessas opiniões, pode-se constatar o que este grupo de adolescentes observa: uma sociedade livre, no que diz respeito à maneira peculiar de como as pessoas se expressam; uma sociedade culturalmente diversa, já que alberga distintos grupos culturais, além dos próprios autóctones; uma sociedade pacífica, pelo baixo índice de violência; uma sociedade com bom poder aquisitivo e um tanto quanto racista. Observa também que a maneira de se divertir pode ser que seja diferente, já que alguns não gostam do estilo televisivo ou musical que encontraram, e que a gastronomia não é que seja tão distinta, porém, a maneira de prepará-la sim que o é.

No que se refere ao tratamento pessoal, os garotos e garotas opinam que o tratamento que os autóctones costumam dar aos demais está relacionado com a origem de cada um. Eduardo comentava, por exemplo, que os brasileiros sempre eram bem tratados pelos colegas na escola, enquanto que nem sempre os colegas marroquinos ou equatorianos recebiam o mesmo tipo de tratamento por parte destes colegas. Este tipo de impressão pode ser também fruto da imagem “positiva” que os adolescentes brasileiros percebem que o Brasil tem na Espanha, sobretudo em Barcelona, pela presença dos jogadores brasileiros nos clubes espanhóis que reforçam o estereótipo do *povo brasileiro como alegre e simpático*, facilitando desta maneira o intercâmbio cultural.

A percepção dos brasileirinhos sobre a sociedade receptora está essencialmente baseada nas suas experiências diárias, desta maneira, também são idéias que vão mudando e/ou vão sendo reforçadas de acordo com o grau de implicação deles dentro da sociedade receptora. No entanto, pelas observações, a visão que eles têm sobre o novo entorno não parece influenciar na totalidade o comportamento social que eles podem chegar a ter. Pode-se dizer

que, ainda que um dos adolescentes participantes tenha tido uma opinião mais ou menos “negativa” da sociedade receptora, não significa que também tenha tido uma má conduta frente a ela.

MINHA VIDA EM BARCELONA...

Ao descrever mais ou menos a dinâmica de suas vidas em uma redação solicitada ao longo da pesquisa, os adolescentes deixavam claro suas fontes de alegrias e ansiedades diante da nova vida. Falaram de aspectos mais concretos que eles gostavam da cidade como pontos turísticos como a *Catedral*, *Sagrada Família* ou *Camp Nou* (Campo do Barcelona), assim como de outros aspectos que eles não gostavam como o clima no inverno ou algumas praias sujas. No entanto, os novos amigos e as atividades que faziam juntos como: ir ao cinema, shopping, discoteca, passear pelo bairro, jogar futebol, basquete ou *playstation*, além de dormir na casa dos amigos, foram o principal destaque. Marta chegou a comentar na sua redação que em Barcelona tinha tantas atividades para se fazer que ela nunca ficaria entediada.

De acordo com as redações, o diferencial na vida desses brasileiros estava marcada pela diversidade cultural das amizades que tinham, pela oferta de lazer, pela dinâmica de intercâmbio que se produzia em alguns bairros, pela aprendizagem dos idiomas locais e também pela vida escolar. Ainda que nos finais de semana os participantes tivessem oportunidade para sair e conhecer mais da cidade, o contato maior e mais direto com a sociedade em si era feito através da escola. Vale a pena destacar também que nem sempre os pais tinham condições financeiras para proporcionar muitos momentos de lazer.

“Eu gosto muito daqui tem seus lados negativos mas tem mas lados positivos. Por que eu gosto das

lenguas e das pessoas eu adoro con viver com pessoas de outros lugares como de Marrocoos, Polonia, latinos, etc... Agora eu adoro esse lugar os pontos turísticos de aquí me encanta meu favorito e meu Casal, minha escola, principalmente meu bairro, Montjuic y a Praça Espanha.” (Redação de Thaís, 13 anos, 6 meses em Barcelona)

“A minha vida en Barcelona e boa e divertido eu gostei muito daqui do bairro que eu to vivindo, eu gosto muito da minha escola, ainda nao conheço muito Barcelona mais eu garanto que eu vou pro Brasil so para passia.” (Redação de Luciano, 12 anos, 1 ano e dois meses em Barcelona)

“En resumen eu gosto muito da minha vida aquí en Barcelona, mas se alguen diz que me vai dar uma passagem para voltar pro Brasil eu aceito na hora.” (Redação de Mariana, 13 anos, 1 ano e meio em Barcelona)

Enquanto Luciano pensava em voltar ao Brasil só de férias por se encontrar tão à vontade na nova cidade, a angústia de alguns adolescentes como Mariana que voltaria para casa se pudesse, por exemplo, era a de não ter por perto os seus familiares como tios, primos e avós. Outras inquietudes expressadas pelos participantes também estavam relacionadas às condições de moradia por dividir a casa com outros membros da família, o que se chama de “moradia familiar complexa” (Menezes, 2003, p.164), ou pelo fato de morarem em casas muito pequenas, em comparação com as que tinham antes.

Outro aspecto muito significativo nesse processo de mudança de um entorno cultural ao outro é a vida escolar. Aprender como funciona a dinâmica do centro escolar, dominar os códigos linguísticos, acostumar-se aos horários, conhecer a maneira de trabalhar dos professores, dos colegas de classe, e dentro de tudo isso conquistar um espaço próprio, leva o seu tempo. A adaptação à vida escolar local é um processo pelo

qual todo aluno estrangeiro tem que passar e, dependendo das características pessoais de cada um e do tipo de apoio que recebem em casa, pode ser um processo mais rápido ou mais lento. Besalú e Climent chamam a atenção ao fato de que nesta fase de adaptação às novas formas de vida sempre faz falta algum tipo de renúncia aos hábitos anteriores, algum tipo de sacrifício (Besalú & Climent, 2004, p. 26).

Neste sentido, os informantes pouco a pouco foram revelando seus processos de adaptação escolar, sobretudo no que se refere às dificuldades iniciais com os novos idiomas. Como em Barcelona há duas línguas oficiais, catalão e espanhol, não foi nada fácil para os brasileiros terem que aprender as duas línguas “de um dia para o outro”. Inclusive nas redações pode-se notar a mistura que alguns fazem entre uma língua e outra. Leonardo, em uma atitude mais exagerada, chegou a comentar que memorizou todas as palavras de um pequeno dicionário português-espanhol que sua mãe tinha comprado, no intuito de entender pelo menos a televisão.

Um fator que influenciou muito para que os adolescentes se desenvolvessem mais ou menos lingüisticamente, além da facilidade ou não para os idiomas, foi o fator desinibição. Os informantes mais tímidos tinham mais dificuldades para se comunicar com os demais, atrasando desta maneira a sua aprendizagem. Segundo Mariana:

“No começo foi um pouco ruim. Claro, eu cheguei na escola e não entendia nada, eu tinha vergonha de falar alguma coisa errada, então eu demorei um pouco para me relacionar com todo mundo porque eu pensava “ah, eu vou falar errado e eles vão rir de mim...”. Aí quando eu fui pegando mais o castellano eu comecei a falar mais. No começo eu falava só com a Gaby e com a Nancy, porque como elas entendem o português, eu errava, elas me ajudavam...” (Mariana, 13 anos, 1 ano e meio de Barcelona)

Ao contrário, os adolescentes mais comunicativos já não tinham tanto medo de equivocar-se e aprendiam com mais rapidez. Vale a pena destacar que no Sistema Educativo Espanhol, os alunos estrangeiros quando chegam costumam ficar um determinado tempo numa turma especial chamada “aula de acolhida” para aprender a língua local. No caso de Barcelona, os alunos aprendem primeiro catalão que é a língua oficial da escola e o espanhol vão aprendendo pouco a pouco com os novos amigos. É interessante ressaltar também que, como afirma o casal de pesquisadores Suárez-Orozco (2003), há uma grande diferença entre manter um nível superficial de conversa com os amigos, nesse caso se expressando em *portunhol* em um primeiro momento, e ter um nível de competência necessário para compreender as novas matérias e poder expressar-se corretamente tanto na fala, quanto na escrita, por isso a dificuldade de muitos adolescentes (Suárez-Orozco & Suárez-Orozco, 2003, p. 231).

O horário escolar também foi apontado como uma dificuldade na hora de realizar uma boa adaptação escolar. Acostumados a estudar somente uma jornada, manhã ou tarde, ao se depararem com uma jornada intensiva de estudos que variava entre seis e sete horas diárias, além das horas dedicadas aos trabalhos de casa, os brasileiros se queixavam bastante desta dinâmica tão intensa.

“É chato, né! porque você tem que estudar assim de manhã e de tarde, a coisa fica muito chata. Então eu acho que assim, para poder estudar as mesmas horas, podíamos estar de manhã às 7 horas e que ficássemos à tarde livre. Eles também passam muitos deveres, tem muita coisa para estudar, e assim teríamos mais tempo também para descansar... é uma carga muito pesada.” (Raquel, 12 anos, 3 anos e meio em Barcelona)

Por outro lado, o bom relacionamento com os colegas de classe, na maioria dos casos, e as atividades e saídas escolares,

parecem ter sido a parte mais fácil para adaptar-se. Dentro das experiências explicadas, os amigos ocupavam um lugar destacado na vida destes adolescentes, tanto quando os ajudavam nas tarefas escolares e na comunicação, segundo comenta Thaís, como pela necessidade natural que os adolescentes têm em compartilhar a mesma “cultura adolescente”. Ter um grupo de amigos tanto fazia com que os adolescentes brasileiros não se sentissem diferentes dos demais, como lhes proporcionava um maior sentido de pertença ao novo entorno.

“Minha vida mudou muito, mas muito mesmo. Quando cheguei aqui não gostava da cidade, e não tinha nenhum amigo não conhecia ninguém, ou melhor nada. Mas agora já tenho muitos amigos e eles forão as pessoas que mas me derão força em este tempo. Eles me incentivarão e me insinarão um pouco do que eu sei, por isso sou muito grata por eles.” (Redação de Thaís, 13 anos, 6 meses em Barcelona)

No que se refere aos resultados escolares, os adolescentes brasileiros que tinham uma boa dinâmica de estudo no Brasil e tiravam boas notas, em Barcelona, ainda que considerassem elevado o grau de dificuldades das matérias, depois de um tempo pessoal de adaptação costumavam manter o mesmo nível que tinham no Brasil. Por outro lado, os alunos que não tinham uma disciplina de estudos no Brasil, ainda que considerassem o grau das matérias suficiente na hora de acompanhá-las, tendiam a não manter o nível regular que tinham no país de origem, apresentando, aliás, um rendimento escolar mais baixo devido às dificuldades naturais, como o idioma, por exemplo.

ENTRE VANTAGENS E DESVANTAGENS

A imigração tem o seu preço. Por mais que o projeto imigratório seja dos pais e não dos filhos, toda a família

termina por arcar com os resultados desse projeto. Junto com todas as mudanças de um entorno cultural ao outro, estão também as vantagens e desvantagens que fazem parte do curso natural da vida, independente de onde uma pessoa esteja localizada. Dentro desta perspectiva, os brasileiros destacaram como pontos positivos em sua viagem migratória as oportunidades laborais e acadêmicas que se apresentam, o maior poder de compra, a segurança e as atividades culturais. Os pontos considerados como negativos dentro deste processo foram o excesso de trabalho dos pais, menos tempo em família, mais horas de aula, mais responsabilidades em casa, habitação pequena e a distância familiar.

Para estes rapazes e moças, nem sempre é tão fácil poder avaliar se há mais vantagens ou desvantagens em estar longe de casa. Eles sabem que agora têm umas coisas e não têm outras, mas parece que não estejam de tudo “maduros” para avaliar o processo em sua totalidade. Eles avaliam a partir dos aspectos que os beneficiam ou não, em um determinado momento. Além do mais, o que pode ser desvantagem para um deles não significa que tenha o mesmo peso de desvantagem para outros, ou vice-versa.

Foi interessante observar, por exemplo, a divergência de opinião entre dois irmãos na hora de explicar o que havia mudado em suas vidas ao ir morar em Barcelona. Enquanto que para Leandro de 15 anos a mudança havia sido muito positiva pelo fator econômico, agora ele tinha um *playstation*, para Victor de 13 anos, a mudança havia sido negativa porque eles agora viviam numa casa pequena, com muita gente e seu pai havia ficado no Brasil. Por outro lado, tanto para Caroline de 14 anos, como para seu irmão Luciano de 12, a mudança havia sido muito positiva pela qualidade do ensino que eles estavam recebendo e pela segurança da cidade. Caroline comentava que seus professores eram muito bons e que além do mais, não faltavam às aulas como faziam seus professores na cidade de origem pelas

greves escolares. Os irmãos Perez também ressaltam que por haver mais segurança na cidade de destino seus pais permitiam que eles saíssem mais com os amigos, coisa que na cidade de origem não acontecia.

Dos aspectos negativos que mais se queixavam os adolescentes era o fato de mal verem os seus pais, pelo excesso de trabalho. Este sentimento de "abandono" também é experimentado por muitos *brasileirinhos* nos EUA devido às mesmas circunstâncias dos *brasileirinhos* em Barcelona - dos pais trabalharem muito (Sales & Loureiro, 2004, p. 231). André de 13 anos comentava que para ele a mudança havia sido para pior porque ele agora estudava mais, quase 7 horas ao dia, e seus pais também trabalhavam mais, entre 10 e 12 horas, tendo pouco tempo para estarem todos juntos. Como irmão mais velho, ele também terminava por ajudar a tomar conta dos irmãos menores de 10 e 4 anos. Porém, o adolescente também era consciente que a família ainda estava no período inicial do processo migratório, eram os "primeiros meses" como comentava ele, época de ajustes e transições. Sua angústia ao perceber tudo somente pelo lado negativo é bastante compreensível, afinal são suas perdas pessoais. Thaís, ao estar na mesma época inicial de transição, já assume uma postura diferente daquela de André.

"A minha mãe veio com a intenção de ganhar dinheiro e ter uma vida melhor, mas para mim a vida tá pior e com menos dinheiro... tá nos primeiros meses ainda... não tá tudo certo, sei lá!" (André, 13 anos, 9 meses em Barcelona.)

"Mas agora eu vejo que valeu a pena eu ter vindo para cá porque aqui eu posso aprender coisas novas, na verdade, tudo, cultura nova, vida nova, amigos novos..." (Thaís, 13 anos, 6 meses em Barcelona.)

Parece ser que Thaís assumiu o projeto de seus pais para sua vida e quer tirar proveito das oportunidades que a

vida está brindando a ela. Não obstante, não quer dizer que ela também não passe por algumas dificuldades. A diferença é que ela decidiu enfrentar a situação desde outra perspectiva, ao contrário de André que ainda estava procurando um espaço dentro do projeto dos seus pais. As vantagens e desvantagens fazem parte do cotidiano de todo ser humano, porém quando uma pessoa está assentada em um contexto cultural que não é o seu de origem, parece que estas duas vertentes assumem proporções que nem sempre são tão fáceis de manejar.

COMENTÁRIOS FINAIS

Com o aumento da imigração brasileira para distintas sociedades no mundo, o objetivo deste artigo era dar a conhecer as experiências de um grupo de adolescentes brasileiros em Barcelona, a fim de somar com as poucas pesquisas que existem sobre os filhos desses brasileiros e brasileiras em migração, sobretudo na Europa.

A mudança de uma cidade a outra em busca de uma "vida melhor" supõe mudanças que vão mais além do espaço geográfico em si mesmo. Quando uma família deixa a cidade de origem para empreender um projeto migratório, independente dos motivos e dos destinos, muitas vezes se depara com uma realidade à qual nem sempre é fácil de se adaptar. É um projeto que deveria ser muito bem pensado e repensado antes de ser posto em prática. Entre o almejado sonho de imigração, como resolução de todos os problemas, e a realidade que se enfrenta na cidade de destino, há uma grande distância a ser percorrida. Distância esta que os *filhos da imigração* não pediram para percorrer. Entre o sonho e a realidade, como vimos ao longo do texto, infelizmente, nem todos os finais são "felizes".

* **Bianka Pires André é Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Barcelona e Pesquisadora vinculada ao Dpto.**

de Arqueologia e Antropologia / Ititución Mila y Fontanals (CSIC).

NOTA

1 - O termo *brasileirinhos* foi utilizado durante a pesquisa como uma forma carinhosa de nos dirigirmos aos participantes e foi mantido aqui com a intenção de não conferir a eles o status de "imigrantes brasileiros". No que se refere ao título, o mesmo faz alusão ao livro de Teresa Sales (1999) *Brasileiros longe de casa*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANISEF, Paul & KILBRIDE, Kenise
(2003) *Managing two worlds: The experiences & concerns of immigrant youth in Ontario*. Toronto, Canadian Scholars Press Inc.
- BESALU, Xavier & CLIMENT, Teresa (Eds.)
(2004) *Construint identitats. Espais i processos de socialització dels joves d'origen immigrant*. Barcelona, Editorial Mediterrànea.
- MENEZES, Gustavo
(2003) "Filhos da Imigração: A Segunda Geração de Brasileiros em Connecticut". In: BRAGA, Ana Cristina Martes and FLEISCHER, Soraya (eds.). *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Gênero e Redes Sociais*. São Paulo, Editora Paz e Terra, p. 157-173.
- MOTA, Kátia
(1999) *Imigrantes brasileiros nos Estados Unidos: Trajetoria de identidades em uma situação de bilinguismo*. Brown University.
- SALES, Teresa & LOUREIRO, Márcia
(2004) "Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA". *Revista Brasileira de Estudos da População*, v. 21, n.2, jul./dez, p. 217-239.
- SALES, Teresa
(1999) *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo, Cortez Editora.
- SUÁREZ-OROZCO, Carola & SUÁREZ-OROZCO, Marcelo
(2003) *La infancia de la inmigración*. Madrid, Morata.